

15 JAN 1994

# As duas Brasília

CORREIO BRAZILIENSE

## Chico Vigilante

É preciso contestar os ataques infundados, mentirosos, covardes e oportunistas feitos por parte de segmentos da sociedade brasileira contra Brasília. Muitos que provavelmente tenham até se beneficiado na época de sua construção...

Há que se diferenciar a elite e os corruptos da população trabalhadora e honesta de nossa cidade. E, para isso, é preciso que nos reportemos a alguns fatos históricos, para não cairmos nem no ufanismo, nem nas críticas infundadas.

A criação da nova capital foi fortemente influenciada pelo medo das invasões estrangeiras e pelo que acontecia com nossos vizinhos (guerra do Paraguai — 1865/70), tendo a transferência para o interior sido cogitada pela primeira vez ainda na época dos inconfidentes. Tornou-se, após, determinação inscrita em todas as Constituições do País desde 1891.

Desde então, para o Centro-Oeste vieram inúmeras missões com técnicos, geólogos e engenheiros de todo o Brasil e até de outros países. A mais famosa delas, a Missão Cruis (comandada por um astrônomo belga) completou seu centenário em 1992.

Mas foram as condições do desenvolvimento capitalista no Brasil e o plano de metas do presidente Juscelino Kubitschek que determinaram a construção de Brasília na década de 50. No dizer de JK, o ideal de mudança da capital para o centro geográfico do território brasileiro teve um só motor inicial: aproximar os brasileiros e distribuir fontes de riqueza.

Podemos delimitar dois grandes aspectos históricos para o ocorrido: o primeiro, econômico, diz respeito à necessidade da ampliação do número de estradas e rodovias para satisfazer às indústrias automobilísticas que estavam se instalando no País; o segundo, geo-político visava a internalizar a capital e afastá-la dos grandes movimentos sociais das maiores concentrações urbanas.

Em 1956/57 era criada a Cia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap), com a incumbência de transferir a capital federal. Operários de todo o País, sobretudo de Minas Gerais e do Nordeste, vieram para cá. E as empreiteiras, também.

Brasília era o novo eldorado e a vastidão do Planalto não intimidava os que sonhavam com dias melho-

res. *DF- Branca*

Durante a construção, a corda, como sempre, arrebentava do lado mais fraco. Um trecho do livro "Construtores de Brasília", de Nair B. de Souza, é bem elucidativo: "A dificuldade na obtenção de mercadorias em quantidade e qualidade, desejadas, contribuía também para o precário funcionamento das cantinas de obra. As reclamações eram frequentes e alguns incidentes passaram a ocorrer... Os trabalhadores eram alvo de inúmeras irregularidades na aplicação das leis trabalhistas. As empresas roubavam o número de horas trabalhadas, não pagavam corretamente férias, nem indenizações. Quando os operários reclamavam, eram agredidos fisicamente pela segurança interna das firmas".

Um fato em especial de arbitrariedade contra os trabalhadores da nova capital, apesar de abafado pelo governo, marcou aqueles dias. A chacina no acampamento da empreiteira Pacheco Fernandes Dantas, em 1959. Operários que durante o dia haviam discutido com o cozinheiro da cantina por causa da comida, à noite, foram fuzilados por homens da GEB (a Guarda Especial de Brasília).

Com a transferência da capital para cá, vieram também os problemas inerentes ao núcleo de poder político do País. E a corrupção é um deles. Virus que já havia atingido a antiga capital (Rio), culminando com o suicídio do presidente Getúlio Vargas. Mas não se pode negar que, do ponto de vista do desenvolvimento capitalista no Brasil, o florescimento da região Centro-Oeste permitiu integrar o País, apesar dos erros, que a História um dia há de cobrar.

O fato é que Brasília hoje é uma realidade nestes mais de trinta anos, dois milhões de pessoas se estabeleceram aqui, cidadãos de todo o Brasil.

Uma cidade basicamente de serviços que abriga operários, donas-de-casa, estudantes, empresários e servidores públicos, a maioria honesta e trabalhadora. Os pioneiros, por sua vez, foram expulsos para as cidades-satélites e a maioria permaneceu tão pobre ou mais do que quando chegou aqui. Ou seja, a população da capital é honesta e trabalha duro. Foi a mais prejudicada no governo Collor e não pode agora servir de joguete na mão de segmentos insatisfeitos com a consolidação de nossa cidade.

Por essas e por outras é preciso combater aqueles que atacam Brasília e seu povo de forma irresponsável. Muitos que para cá vieram acreditavam no sonho de distribuição da riqueza. A idéia de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer era a de fazer uma cidade democrática, onde o motorista e o senador pudessem habitar quadras próximas, o que a forma de desenvolvimento econômico do País não permitiu.

O que a população de Brasília tem a ver com o João Alves, com o Manoel Moreira e outros anões? O que tem a ver com o Onaireves Moura, o Nobel Moura ou com o Itsuo Takayama? O povo de Brasília não tem nada a ver com essa gente. Não tem nada do que se envergonhar. Vergonha, aliás, deveriam ter aqueles que mandam esses corruptos para cá. A maioria deles eleita é sustentada pela máquina eleitoral cujos detentores são os mesmos que hoje tentam denegrir Brasília e colocar o povo da cidade no mesmo bojo desses inquilinos indesejáveis que para cá vieram na forma de deputados, senadores, ministros — e até o próprio Collor, que no primeiro e segundo turno foi repelido sabidamente pelo eleitorado brasileiro.

A impunidade é outro fator preocupante para nós, uma vez que os filhos do mesmo poder que rouba e corrompe, como donos do mundo, atropelam, matam e estupram nossas jovens, escondidos sob manto protetor da frase: Você sabe com quem está falando?

Defender Brasília é exigir a apuração rigorosa de todas as falcaturas. É exigir a cassação e a prisão dos corruptos. E, para esta tarefa, todos estamos convocados: a CUT, os sindicatos, as entidades empresariais progressistas, as associações de moradores, de donas-de-casa, igrejas, partidos políticos e a imprensa democrática.

E é tarefa dos eleitores escolherem melhor seus representantes que mandarão para Brasília. Aqui, estamos fazendo nossa parte, lutando pelo esclarecimento e pela conscientização de nossa população. Brasília é a capital da República, é a cara do Brasil. E, por isso, tem de ser o símbolo máximo de nossa cidadania e da nacionalidade brasileira.

■ Chico Vigilante é deputado pelo PT do Distrito Federal